

ENTREVISTA¹ COM O REITOR DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS PROFESSOR DOUTOR CARLOS HENRIQUE DE BRITO CRUZ²

SS&S – O senhor participou do debate sobre a Reforma da Previdência e a Reforma Universitária e a gente gostaria de saber como vê as perspectiva da universidade pública diante da proposta de reforma em curso?

Brito e Cruz – Há uma discussão intensa do Brasil sobre esse tema da reforma universitária. O Ministério da Educação apresentou uma minuta de projeto de lei que eles denominaram ‘Reforma Universitária’ e que tem 100 artigos. Nós estamos achando, até esse momento, que falta para essa reforma uma estratégia, ou seja, já há um anteprojeto de lei com 100 artigos, há uma medida provisória que foi aprovada mesmo estando ainda em discussão – aquela do ProUni, que usa recursos públicos para financiar instituições privadas de ensino desde que elas matriculem certos estudantes –, mas ao longo de tudo isso não há ainda ou não foi explicitada uma estratégia para o desenvolvimento do ensino superior brasileiro. Minha opinião é que ao invés de se falar em reforma universitária seria muito mais interessante se o Brasil falasse em um plano estratégico para desenvolvimento do ensino superior no Brasil, especialmente para o desenvolvimento do ensino superior público, que tem sofrido bastante ao longo dos anos. O ensino superior público é a base do desenvolvimento em toda as nações que se tornaram desenvolvidas. Nenhum país se tornou desenvolvido sem ter uma forte base de ensino superior público, e forte base significa mais da metade dos estudantes pelo menos indo ao ensino superior público de boa qualidade. Portanto eu acho que há muito a fazer ainda nesse tema da reforma universitária. Há um elemento positivo em tudo isso, que é o fato de que o MEC tem demonstrado um interesse em ouvir vários interlocutores. Isso é uma coisa que precisa ser reconhecida como positiva, até em contraste com a outra reforma mencionada na pergunta, a da Previdência, em que o governo federal não ouviu ninguém. Nem mesmo quando as universidades paulistas, na reforma da Previdência, foram solicitar que fosse incluída a extensão do prazo para

¹ Entrevista realizada pela equipe da Revista *SS&S* no Gabinete do Reitor em 17/02/2005.

² Professor titular do Instituto de Física da Universidade Estadual de Campinas.

aposentadoria compulsória, que não era pedir para ninguém se aposentar antes, nem isso o governo federal quis ouvir e quis tratar nas negociações. Ou seja, a reforma da Previdência foi uma coisa completamente fechada e empurrada para cima de todos, trouxe enormes prejuízos a universidade pública e para a UNICAMP. Perdemos muitos professores por causa da reforma previdenciária, que não precisava ter sido feita daquela maneira, tudo isso sem desconhecer a necessidade de que havia de se fazer uma reforma da Previdência. No caso da reforma universitária – esse governo gosta de chamar tudo de reforma – tem havido mais abertura para debate, para discussão. Agora, vai ser necessário muito debate, muita discussão, porque a minuta que foi apresentada tem pontos complicados e até mesmo nocivos mesmo para o desenvolvimento do ensino superior, especialmente o ensino superior público. Basta citar um: do jeito que está a minuta, ela restringe a autonomia da qual gozam as três universidades estaduais paulistas hoje. Se é para fazer reforma, é para melhorar, é para dar mais autonomia para as universidades poderem funcionar melhor e não para restringir a autonomia que elas têm.

SS&S – Qual é a política que a UNICAMP vem adotando para a criação de novos cursos? Existe a curto prazo a idéia de criar novos cursos, tanto na área de humanas quanto na área de exatas?

Brito e Cruz – A UNICAMP tem tido uma política ao longo dos anos de criar mais oportunidades para que jovens brasileiros possam vir a estudar nos excelentes cursos que nossa universidade oferece. Isto tem sido feito ou através da criação de novos cursos ou através da expansão das vagas em cursos já existentes, e também através de programas voltados para a inclusão social. Nos últimos dois anos a UNICAMP criou três novos cursos: o de Comunicação Social (na modalidade Midialogia), o de Farmácia e o curso de Tecnologia em Telecomunicações no Centro Superior de Educação Tecnológica, o CESET de Limeira. E em 2002 e 2003 a UNICAMP fez uma expansão de vagas que foi provavelmente a maior que universidade já fez de uma vez só, representando 18% a mais de vagas nos cursos de graduação. Essas discussões sobre cursos e sobre aumentos de vagas começam nas unidades de ensino e pesquisa, que trazem as propostas e são estimuladas quando há recursos disponíveis para se fazer investimentos. Em 2002 e 2003 houve esses

recursos graças a um programa que o governo do Estado de São Paulo criou, aprovado pela Assembléia Legislativa do Estado, e que resultou numa suplementação substancial para criação de novas vagas, seja em cursos novos, seja em cursos já existentes. Foi assim que nós conseguimos fazer essa expansão de 18% e ao mesmo tempo fazer um investimento expressivo na infra-estrutura de ensino. Paralelamente a UNICAMP criou no ano passado um programa de ação afirmativa para aumentar ou intensificar a inclusão social em seus cursos de graduação. É um programa muito interessante porque tem características até revolucionárias ao aliar a inclusão social com o mérito e o valor acadêmico – uma aliança que é algo inteiramente diferente do que o Brasil vinha pensando sobre o assunto até aqui. No Brasil inteiro todo mundo pensa que mais inclusão é sinônimo de menos valor acadêmico, de menos mérito, mas a UNICAMP demonstrou que isso não é verdade. Nós fizemos esse programa para trazer mais estudantes das escolas públicas, o programa foi aprovado por enorme maioria no Conselho Universitário e está baseado em algo que a UNICAMP sabe fazer bem, que é fazer ciência, estudar as coisas e entender as coisas. Nós estudamos várias gerações de estudantes que cursaram a Universidade e verificamos que quando dois estudantes entram na UNICAMP em igualdade de condições, quer dizer, com a mesma nota no vestibular, um vindo da escola pública e outro vindo da escola privada, sempre aquele que vem da escola pública tem desempenho acadêmico superior. Nós não sabemos dizer por qual razão é assim. Nossa hipótese é que se um estudante enfrentou mais dificuldade porque veio da escola pública e tirou a mesma nota no vestibular, quando você põe os dois nas mesmas condições, no mesmo curso, este tem mais capacidade e se desenvolve mais. Então, ao aprendermos isso a UNICAMP criou um programa para enfatizar a presença de estudantes da escola pública em nossos cursos. O resultado é que neste ano nós tivemos um aumento de mais de 40% na quantidade de estudante de escola pública que ingressaram na UNICAMP em 2005. No ano passado, na primeira chamada foram convocados 700 alunos da escola pública; este ano já na primeira chamada estávamos com 930. Houve também um aumento de mais de 40% na quantidade de estudantes das etnias denominados como pretos, pardos e indígenas, segundo as denominações usadas pelo IBGE. Então é um programa que faz mais inclusão e ao mesmo tempo que traz melhores estudantes para a UNICAMP. É um programa que vai continuar

existindo aí nos anos futuros e demonstra que é perfeitamente possível aliar inclusão com valor acadêmico desde que não haja interferências externas e estranhas ao mundo acadêmico, como a invenção das tais cotas, que o governo quer impor de cima pra baixo na reforma universitária, ao invés de estabelecer objetivos e metas e deixar que as universidades usem a sua inteligência, a sua capacidade de pensar e de entender o ambiente no qual estão inseridas para criar soluções como essa que a UNICAMP criou.

UNICAMP está acostumada. Então é disso que se trata: para qualquer curso ser criado na UNICAMP, é preciso demonstrar e convencer os vários órgãos colegiados, especialmente, o Conselho Universitário, dessas características. A tarefa é essa. Se for possível demonstrar essas características eu tenho certeza que um curso como este poderá prosperar na Universidade, aliás, vários outros. Se não for possível demonstrar essas características, aí é bem mais difícil.

SS&S – Como o senhor avalia sua experiência como reitor da UNICAMP e quais as expectativas do novo cargo que vai ocupar na Fapesp e, se possível fale um pouco sobre a linha de apoio da instituição para pesquisa nas áreas sociais?

Brito e Cruz – Olha, eu realmente gostei muito da minha experiência como reitor na UNICAMP. Não tenho dúvida de que foi a experiência profissional mais interessante e mais desafiadora que tive. Eu gostei de fazer isso, de ser reitor de uma das melhores universidades brasileiras, uma universidade pública e gratuita com a competência que tem a UNICAMP, com a comunidade de professores, alunos e funcionários que há aqui, que é uma comunidade extremamente capaz e extremamente dedicada à instituição. Posso dizer que foi uma experiência espetacular, completamente gratificante e que me permitiu aprender realmente muito. Penso também que essa pergunta ficaria melhor se fosse feita à comunidade da UNICAMP e não a mim. Mas acho que contribuí para ajudar a UNICAMP a se desenvolver e ser uma universidade ainda melhor. Ao mesmo tempo eu me sinto muito motivado com esse novo desafio que me foi proposto na Fapesp, como diretor científico, uma posição muito relevante para a ciência e a tecnologia no Estado de São Paulo e no Brasil. Basta ver o apoio que a comunidade da UNICAMP deu a essa transição. Temos

numerosas idéias para desenvolver na Fapesp, que uma organização com enorme capacidade de criar idéias novas, porque tem uma capacidade orçamentária razoavelmente equilibrada e consegue gerar novas atividades muito relevantes. Desde que a fundação tenha um relacionamento intenso com a comunidade científica no Estado de São Paulo, quer dizer, as melhores coisas que a Fapesp criou em São Paulo não foram invenções suas, mas da comunidade científica que as trouxe à fundação. Coube à fundação ajudar a colocá-las num formato adequado do ponto de vista dos objetivos da pesquisa e do desenvolvimento da ciência e da tecnologia em São Paulo. Eu acho que há programas importantes que a Fapesp tem criado e que nós pretendemos desenvolver mais ainda na área de ciências humanas, ciências sociais e na área de ciências da saúde, desde programas voltados para o apoio a bibliotecas e compra de livros até programas de iniciação científica, de pesquisa e de políticas públicas. Então nós temos um enorme interesse em conviver e ouvir sugestões da comunidade científica para que a gente possa cada vez mais fazer a FAPESP cumprir aquilo que é o seu grande objetivo, que é o desenvolvimento científico e tecnológico do Estado de São Paulo.

SS&S – Gostaríamos que o senhor deixasse uma mensagem para a comunidade da UNICAMP e para a comunidade acadêmica de todas as unidades de ensino de Serviço Social do Brasil que recebem a nossa revistas.

Brito e Cruz – Olha, eu acho que vocês tem feito um belo trabalho aqui na UNICAMP na área de Serviço Social e de Saúde, um trabalho que tem contribuído de maneira especial para que a UNICAMP atinga seus objetivos. Eu acho que é uma área que merece ser desenvolvida e enfatizada no Brasil, tanto nas universidades públicas quanto nas universidades privadas, porque nós precisamos de mais profissionais bem qualificados nesta área. Ao mesmo tempo é muito importante que a área também faça todo esforço possível para se desenvolver academicamente, para avançar em termos de capacidade de propor, de formular, de elaborar e de entender problemas, porque é isso que vai fazer a área de Serviço Social e Saúde ser cada vez mais relevante para os objetivos que todos nós temos, que são de melhorar o Brasil, de transformar o Brasil em um lugar melhor para nós todos, para todos os brasileiros. Ao lado disso, voltando à primeira pergunta que vocês me

fizeram, há um papel fundamental que vem sendo desenvolvido e que precisa ser enfatizado, um papel para a universidade pública gratuita. É necessário que sejamos capazes de mostrar ao Brasil que universidade pública e gratuita é essencial para o desenvolvimento do país. Como eu disse no início, nenhum país do mundo se desenvolveu sem ter um bom sistema de universidade pública e poucos países no mundo têm universidade pública que é paga, na maioria deles ela é gratuita ou é paga através de bolsas. A tarefa de usar o investimento expressivo feito pelo contribuinte paulista para transformá-lo na formação de excelentes profissionais em todas as áreas do conhecimento, isso a UNICAMP tem feito muito bem. Os profissionais formados aqui estão fazendo justamente aquilo que é o nosso grande objetivo: depois de formados eles vão se dedicar a suas profissões com um grau de conhecimento que não se obtém em muitos outros lugares. Com esse conhecimento, adquirido nos quatro ou cinco anos que passam na universidade, eles estão aptos a construir um país melhor, que tenha menos injustiça, mais desenvolvimento e mais oportunidade para todos.

SS&S – Obrigada!

Brito e Cruz – Obrigado vocês.

